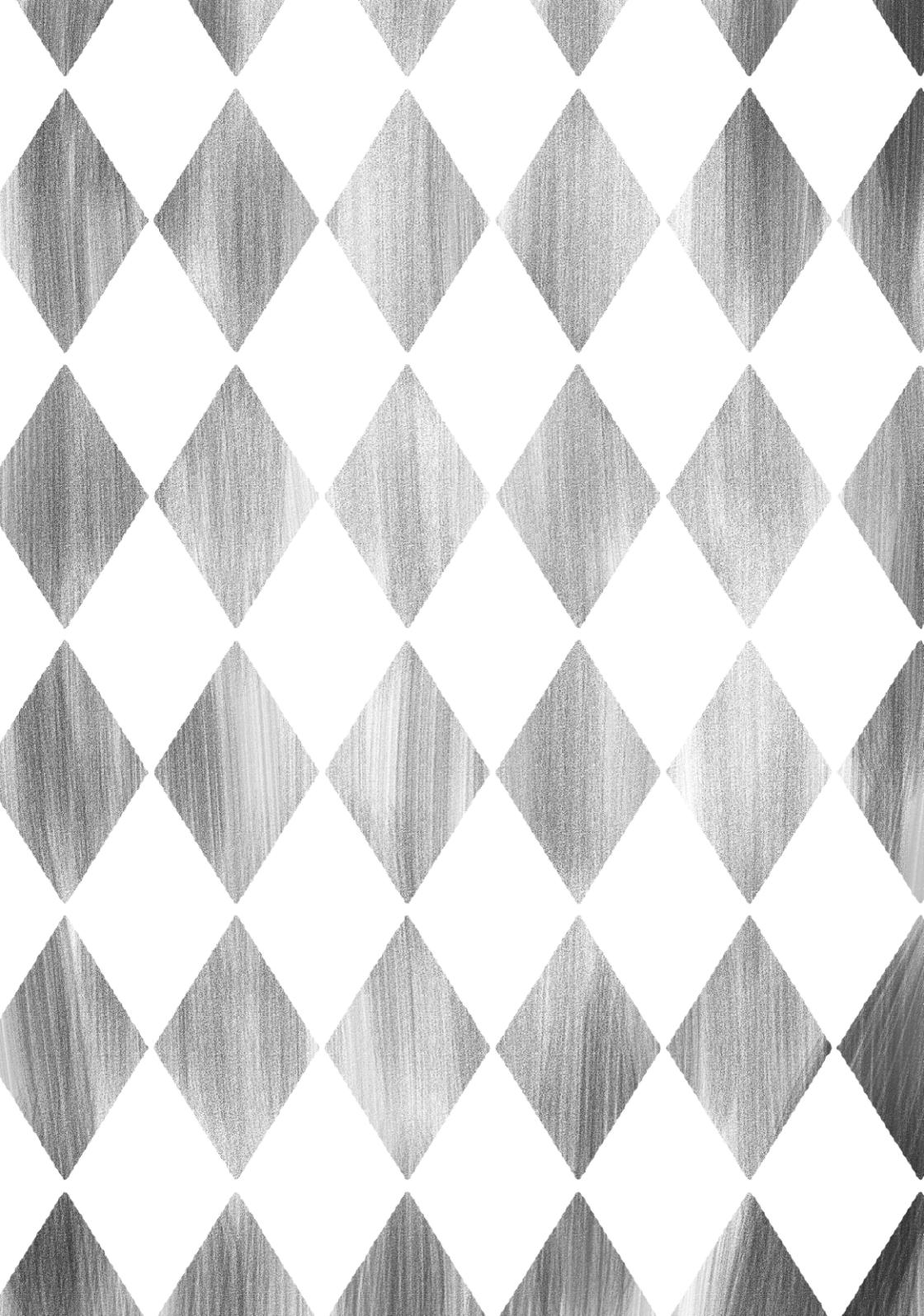


GUERRAS PERDIDAS

CRISTIAN COBRA
ILUS.: AUGUSTO FIGLIAGGI



CRISTIAN DOS SANTOS
ILUS.: AUGUSTO FIGLIAGGI

GUERRAS PERDIDAS



edições
COBRA

SÃO CARLOS
2024

GUERRAS PERDIDAS

Capa e ilustrações: Augusto César Figliaggi

Diagramação: Cristian Cobra

Revisão: Yuri Lavandoski Amato

Mídias sociais e audiobook com IA: Nathalia Locks Muylaert
Guimarães

Apoio: Associação Instituto Cultural Janela Aberta, Prefeitura de
São Carlos, Ministério da Cultura e Governo Federal.

©© Este livro é licenciado com Creative Commons



Esta licença permite que outros remixem, adaptem e criem a partir deste trabalho para fins não comerciais, desde que atribuam o devido crédito ao autor e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.

Santos, Cristian

Guerras Perdidas. São Carlos : Edições Cobra. 2024
98 p., 14x21cm

ISBN: 978-85-92556-02-0

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia Brasileira.

CDD B869.1

*Para todos que já lutaram uma guerra perdida
e necessária.*

ÍNDICE

Resistência é fracasso.....	13
Resistência é inevitável.....	14
Literatura proletária.....	15
Produção artística na maior crise do século.....	17
Ex-cruzado.....	18
Ex-guerrilheiro.....	20
A guerra perdida contra si próprio.....	23
Desertor.....	25
Terapia.....	27
Sucesso.....	28
Inverno no fronte.....	31
Pandemia.....	32
Pandemia II.....	35
Geração perdida.....	36
Ansioso.....	38
Imprecisão.....	39
O homem no começo da descida.....	40
Censura do futuro.....	42
Homens forma.....	44
Esquecido.....	47
No meio do caminho.....	48

Upgrade.....	51
Quântico.....	54
Homem tronco.....	57
Lua minguante.....	58
Ficção.....	60
Metafísica matinal.....	63
Dilema.....	64
Metamorfose ou não.....	65
Novo ciclo.....	67
O jardim.....	68
Terra plana.....	69
Checkup.....	71
Caixa de bombons.....	72
Prazeres possíveis.....	74
Taurina.....	77
Idealização.....	78
Amor cômodo.....	79
Aranha.....	81
Existência imaterial.....	82
Rotina.....	84
Fetichismo.....	85
Triângulo amoroso.....	87
A maior beleza.....	88

PREFÁCIO

Aos 24 anos publiquei meu primeiro livro, *Guerras Contidas*, em 2007. Aqueles poemas, escritos e reescritos durante muitos anos, tinham várias emoções e desejos para gritar, explodir... Desejos de um jovem contestador, cheio de paixões. Guerras contidas que foram deflagradas. Vitória ou derrota? Na minha mente imagino guerras medievais. Espadas, escudos, armaduras e Mel Gibson com metade da cara pintada de azul. Nas narrativas românticas e nos filmes épicos sempre existem o lado certo e o lado errado da guerra. Mas na vida real não parece tão simples.

Um dos meus personagens preferidos é o Coronel Aureliano Buendía, de Cem anos de Solidão. Fui impactado para sempre com a frase sobre ele: “Promoveu trinta e duas revoluções armadas e perdeu todas”. Parece fraqueza, incapacidade... mas existem beleza e força maiores do que as daquele que luta guerras já perdidas?

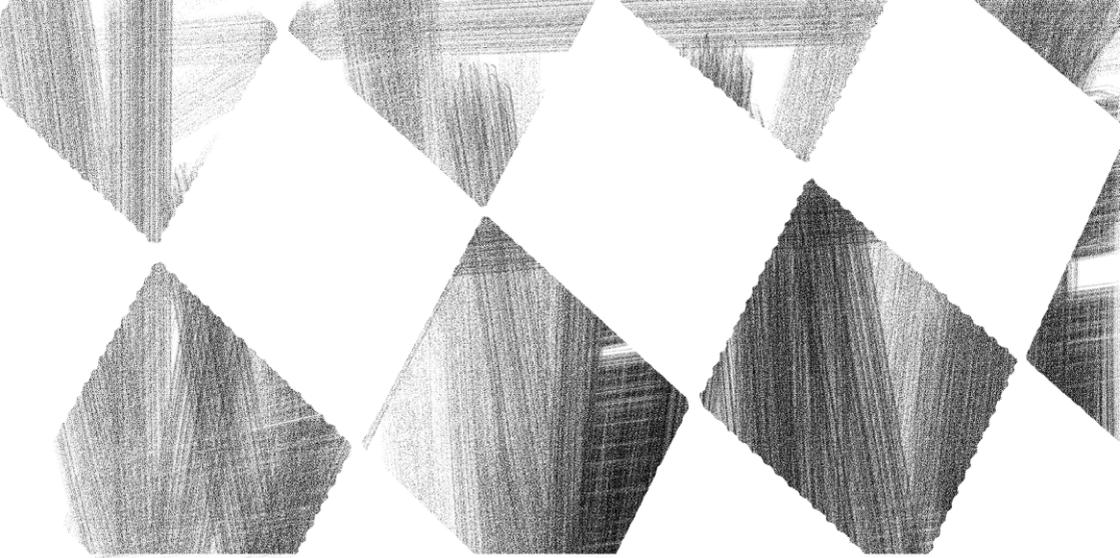
Não importa vencer, importa lutar as guerras necessárias!

Com certeza muito se pode aprender com as vitórias,

comemoradas com festas e galhardia, mas o que podemos aprender com a derrota? O que a cara esfregada no chão de terra, na lona do ringue, pode nos ensinar? Pode o choro, numa transformação alquímica, tornar-se algo positivo?

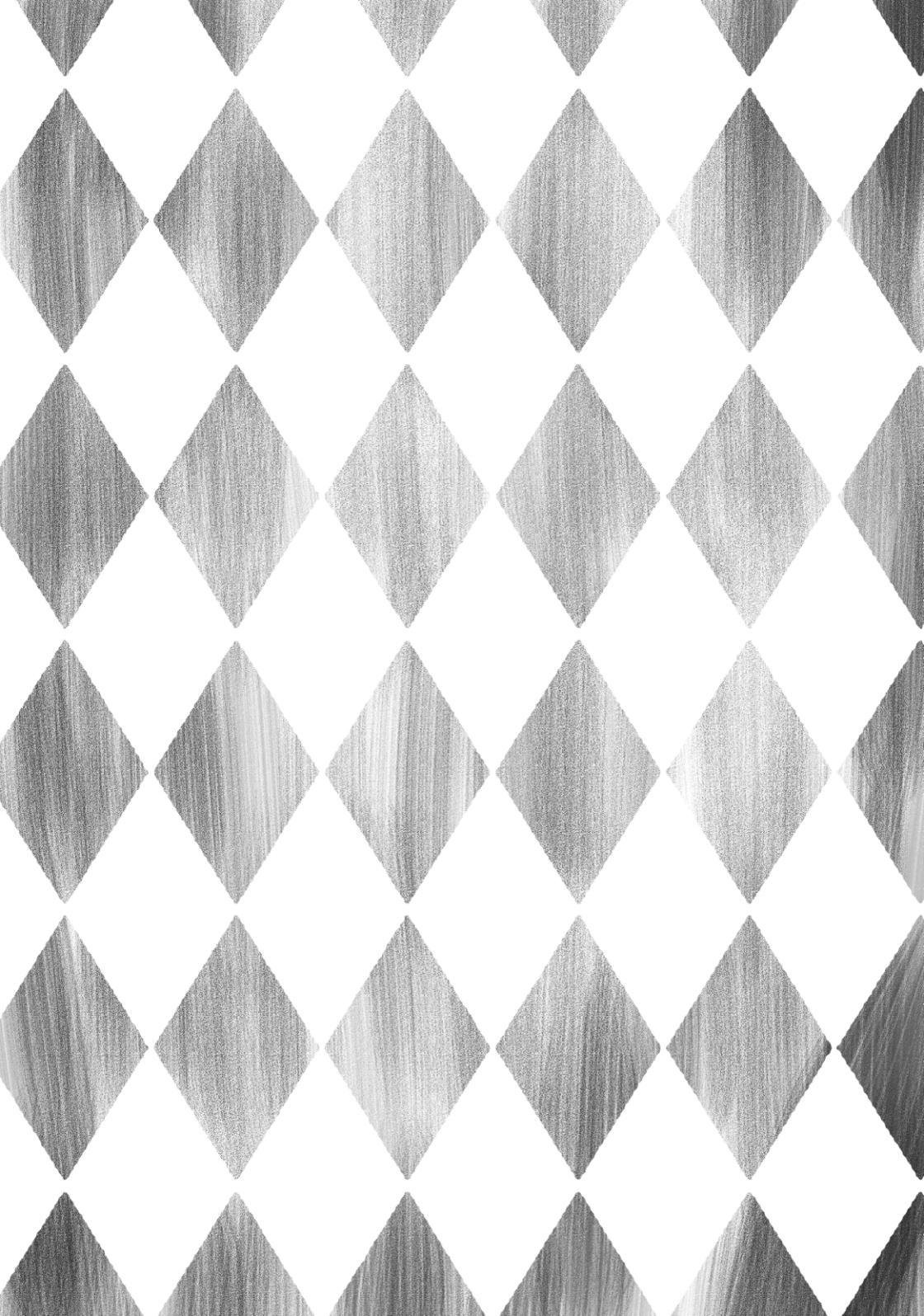
Desde os dezesseis anos de idade decidi ter como meta estudar e praticar para ser um reconhecido escritor da literatura brasileira, mostrando assim minha eterna inclinação às guerras perdidas. Hoje, aos quarenta anos de idade, dezessete anos e dois livros depois do lançamento de *Guerras Contidas*, ofereço-lhes minhas guerras perdidas: chumbo, que talvez uma mente mágica transforme em ouro.

São Carlos, março de 2024.



NO CAMPO DE BATALHA





Resistência é fracasso

Alguns acreditam que nasceram para vencer.

Estrelas

Nunca tive essa confiança.

Meus heróis são os que fracassaram
lutando contra o invencível.

Gosto de lutar
apenas as guerras já perdidas.

Resistência é inevitável

Não resisto porque é nobre,
não acredito no livre-arbítrio.

Sou um animal fruto do choque de infinitas grandezas.

A lei:

se existe poder, existe resistência.

Brasil, ano 2022.

Respirar é resistir.

Literatura proletária

Na infundável corrida em busca do dinheiro,
cada dia sem escrever uma linha sequer
é uma obra produzida.



Produção artística na maior crise do século

Estava descendo uma rua e encontrei o amigo artista
perguntei de seus quadros
ele disse que não tinha pintado vários
inclusive duas séries completas de nada.

Também lhe contei sobre os 49 poemas que não escrevi,
sem rima, sem ritmo, sem palavra, nem tinta e nem papel
Um livro todo vazio
e cheio de significados.

Ex-cruzado

Ungido nos meus primeiros dias de vida pela glória de

[Deus, amém!

Alistado compulsoriamente nas divisões do exército dos

[bons,

recebi a incumbência de guerrear contra os desejos do meu

[corpo

e contra os ímpios incrédulos que espalham as trevas

[seculares.

Vinte anos de cruzadas tentando destruir o mundo visível e

[racional,

na busca reacionária de impor uma monarquia celestial

ditada por Deus mas escrita por mãos humanas.

Meu escudo era a certeza e em minha espada estava grafado:

“Você está errado!”

Jejuar, orar e pedir perdão...

tristeza é amor e submissão, liberdade,

diminuir-se é grandeza, ser é prenúncio de pecar.

É preciso matar o eu!

E eu que me digladiiei com tantos mouros,
fui covarde, escolhi o desejo.

Não tive coragem de me suicidar,
mesmo que fosse
apenas o pedaço chamado ego.

Ex-guerrilheiro

Não é preciso nada para ver como o mundo está errado,
mas quanta força é necessária para melhorá-lo?

Nossa estratégia era o sonho e a utopia,
positivo, passo a passo, convertendo mentes e corações.
Anarco-comunistas e artistas degenerados,
rebeldes proletários da classe média,
homens e mulheres quebrados e imperfeitos
arquitetando um futuro perfeito.

Ocupamos espaços, tomamos cidades,
trouxemos novas palavras para o dicionário.
Obrigamos os grandes a distribuir 1% de suas riquezas,
fizemos saraus e filmes, rap e catira,
o movimento era louco
e parecia ainda tudo tão pouco.

Então empurraram a alavanca do sistema para o nível 2,
violência, intimidação, empobrecimento,

todos os cães de guarda soltos,
armas a venda no atacadão.

Dizem que para vencer definitivamente um inimigo,
somente quebrando-lhe a alma e o coração
mas nos cercos quando acaba o pão,
aceitamos qualquer acordo de paz.



A guerra perdida contra si próprio

O que resta de um homem sem utopias?

O homem que perdeu tudo pode se matar ou cometer uma

[chacina,

mas o homem que perdeu o suficiente

só quer paz.

O veterano de guerra lambe suas feridas,

sem bens e sem posses, tenta aprender a se satisfazer com o

[ar,

sentar-se na sacada do apartamento e ver as tonalidades do

[céu.

Estar vivo não é o mais importante?

Ou estar vivo não é mais importante?

Na arena de luta vislumbro meus inimigos,

são duas imagens conhecidas e distorcidas,

meu eu do passado e minha projeção futura.

Entre uma Fluoxetina, um Lexotan e a terapia,

traço estratégias de defesa:

não ser duro demais com o eu do passado

e não sobrecarregar o eu futuro.

Luto comigo sem chances de vitória,

o dia em que ganhar ou perder,

é porque morri.

Desertor

Penso às vezes em Arthur Rimbaud,
poeta máximo do simbolismo.
Revolucionou a poesia,
mas acabou sua vida traficando armas na Etiópia.

Como pode a poesia encontrar o submundo,
a escravidão, o tráfico?

Nas distantes florestas da Abissínia
abandonou a poesia.

Em cartas a sua mãe dizia:
quero ser rico.



Terapia

Quais os meus limites nesta folha em branco?

Onde estão as bordas da terra plana?

Procuro o lado bom do meu 'lado ruim',
expondo o lado ruim do meu 'lado bom'.

Será que sob o olhar do outro,
sou uno ou sou quimera?

Quirera de peixe,
uns pensamentos boiam na superfície,
outros decantam no abismo.

Sucesso

O sucesso é um alvo que eu não sei como é, nem onde está. Aprendi que era algo a ser perseguido, conquistado. Mas para cada pista um destino diferente. Sucesso é felicidade? Sucesso é satisfação? Quando você crescer, vai ser um bom homem, dizia minha mãe. Você vai ter uma esposa e filho, uma casa, um cachorro, plantar uma árvore... ou será que isso foi no comercial da TV?

Mas parece que sucesso foi se desgrudando da palavra bom. Gente ruim com sucesso.. sucesso nos negócios, sucesso com as mulheres, um sucesso pra família, os maiores sucessos do rock internacional volume 2. Sucesso sucedâneo de dinheiro, de poder. Mais uma pitada de darwinismo social. Um esporte, uma disputa, uma vitória, um troféu, um diploma. O sucesso vem depois da luta, da briga, das garras e da mordida. Sucesso é o descanso merecido, o cansaço depois do inimigo abatido? Quando o sangue seca e vira crosta...

Espaço que não existe no tempo. Se eu não tenho, serei infe-

rrior ou infeliz? Acho que sim, porque eu vi uma pessoa tentando vender isso pra mim ali na esquina de uma rede social. Não, acho que eram milhões de pessoas. Com as diversas receitas para o sucesso. Até tentei comprar alguns sonhos, mas a confeitaria me deu apenas bolos.

Gastei metade do dinheiro e metade da vida. Consegui 50% do sucesso? Ou eu só levo o prêmio quando atingir a meta? Montanha, à frente, uma contínua subida. Metas e métricas, dividir tudo em pequenos objetivos? Tudo, sintetizado numa planilha.

(Saudades do Paleolítico, quando chegar vivo ao fim de cada dia era o alvo inconfundível e sempre visível.)

Sucesso sou eu quem decide? Ele chega quando eu quero? Se eu falar em voz alta e pensar positivo, ele fica mais perto? Eu posso fazer meu próprio caminho, ser meu próprio Deus, senhor da antimatéria, coach quântico de mim mesmo?

Sucesso, não sei o que é, nem nunca vi. Já senti o gostinho,

acho que já tive. Mas se acabou, não devia ser. Ou ele está aqui, no meu nariz? Talvez um sucesso pequeno, cortado em vários pedaços. Tenho sucesso nisso, em formatar computadores, fazer bolos de laranjas, fazer amizade com gatos...

Estou vivo desde que nasci, 14.600 dias sem morrer, posso ser considerado bem-sucedido?

Mas hoje, meu irmão, hoje começa meu sucesso. Vou vender o Curso do Sucesso, criar a religião da vida eterna, o chá do emagrecimento saudável, a harmonização facial do espírito, o segredo do crossfit no home office, o reiki à distância, tudo numa nova criptomoeda com 10% de cashback.

Vou monetizar a frustração alheia.

Inverno no fronte

Nas noites mais frias
as almas descolam dos corpos
e saem em busca do nada.

Voando em vãoo,
sempre em busca de algo que falta,
depois retornam para seus corpos-ninhos.

Acordo de repente.

Angustiado na borda da cama,
a pequena chama violenta o escuro da noite.

Procuro não olhar no espelho,
ainda que meu reflexo surja apenas nos ínfimos segundos,
da tremulante chama do isqueiro.

Pandemia

Começava o outono de 2020
quando começou o apocalipse
e eu só percebi que era sério,
quando fecharam os comércios
mesmo com prejuízo ao capitalismo.

Mortes, máscaras e disputa por papel higiênico.
O vírus estava nas sacolas e nos coletivos
e era necessário esterilizar o mundo.

Enquanto o mundo abria covas,
os negacionistas suicidas
tentavam levar consigo o máximo de vidas que podiam.

Ruas vazias e lojas fechadas
Tão surreal como uma ficção da Netflix.
Milhares de vidas perdidas
e eu continuava trabalhando, comprando e fazendo planos
(com máscara).

Parecia um sonho ruim que piorava,
quanto mais próximo a morte chegava
não daqueles que eram apenas estatísticas,
mas das pessoas com as quais eu realmente me importava.



Pandemia II

A pandemia acabou,
mas só chegou ao fim para os 700 mil.

Nem falo dos que ficaram sequelados
e do medo eterno de aglomeração,
mas da crise econômica que nos entregaram
como se fosse a conta de um jantar
no qual eu mal comi.

Geração perdida

O avô comprou uma casa com o suor e sangue
enquanto definhava na lavra da terra.

O pai deu colégio e faculdade para cada filho,
ao longos dos trinta anos na contabilidade na mesma

{ fábrica.

O filho amarga não ter conseguido comprar a casa própria,
nem pagar plano de saúde.

Seus pais investiram tudo que podiam no seu estudo
e ele nem usou o título de doutorado.

Até os direitos sociais conquistados,
foram arrancados na trapaça.

A TV, o cinema e o Instagram

lhe impingiram a semente do fracasso.

O médico lhe deu opção:

quer a pílula pra ansiedade ou depressão?

Porém, das maldades que o mundo lhe reservou,
a pior foi essa sensação inata,

de que o fruto do seu trabalho
não compra muito além daquilo que tem na Shopee.

Ansioso

Não devo pensar apenas nas coisas que preciso fazer.

Praticar meditação e caminhada,

dormir bem e comer salada.

Dizem que uma mente saudável

é a melhor forma de aumentar sua produtividade.

Imprecisão

Quando foi que começou a constante dor nas costas?

2016, 2015, 2013, 2012...

Parece que roubaram algumas das minhas palavras

Uma febre que não passa

Calafrios infundáveis...

Mas estou sem relógio e não sei ver as horas pelo Sol

O pôr do sol deu-se devagar

e é difícil distinguir pequenas diferenças de tons de cinza,
quando foi que o dia virou noite?

Também não sei me orientar pelas estrelas.

Começou um frio e eu não peguei blusa.

Sinto o sono que vem

depois de uma grande tragédia.

O homem no começo da descida

A vida inteira subi incansavelmente a montanha da vida. Cheguei ao topo, mas descobri que ainda não era possível pegar o Sol com as mãos, tampouco assoprar as nuvens.

No começo o fim nunca chega, porque o meio é a primeira parada. Quando você sente o cansaço e se engana dizendo que é pra admirar a paisagem. Realmente é uma bela paisagem, mas ela sempre esteve ali, eu só não conseguia parar.

Acontece que depois do meio, só existem o fim e o até lá. A distância do chão ao topo é a mesma da descida. Mas um caminho você faz mirando pra cima, o outro, para baixo.

Queria que meu sinônimo fosse vitória, mas tornei-me resistência. Não que fui forte, fui teimoso.

Desço a montanha pelo lado de lá. O caminho continua, no mesmo sentido, no mesmo eixo X, mas agora o eixo Y decresce. Envelheci e passei o meio da vida. Soo mais grave.

Via um ângulo agudo, agora obtuso.

Deito na cama sem medo da insônia, não desejo mais acelerar os manhãs. Às vezes assisto a um filme ruim para não ter que procurar coisa melhor. Às vezes paro um pensamento para sobrar espaço entre os neurônios. E outras vezes me demoro pensando no som de uma palavra que misteriosamente passa a ser estranho: como agora me ocorreu com a palavra nectarina.

No caminho da descida vejo árvores e pedras que parecem ser únicas, mas a verdade é que não sei diferenciá-las de tantas outras que já vi. Aprendi a fazer um bolo macio, que eu recheei com geleia de amoras. Resistência tornou-se resistência.

Censura do futuro

Se este livro contiver palavras obscenas
pinto, cu, buceta;
ele será proibido nas bibliotecas e escolas
jogado no lixo por corromper a juventude?

Se este livro falar de uma existência sem Deus
o político pastor vai se revoltar
e pedir a devolução do dinheiro público?

Se estes poemas se identificarem com as minorias
irão os ultraconservadores do Twitter
viralizar protestos inconformados:
-- Mais uma propaganda da cultura da lacração!

Se eu sugerir prioridade na luta
contra a miséria e a pobreza
e mais imposto para o super rico,
me transformarão numa caricatura
do monstro comunista?

Se no meu discurso eu tomar partido,
não ficar em cima do muro, indefinido
serei
automaticamente
reconhecido como inimigo?

Homens forma

O que eu herdei sem perceber?

Dos homens grandes, de suas palavras e gestos?

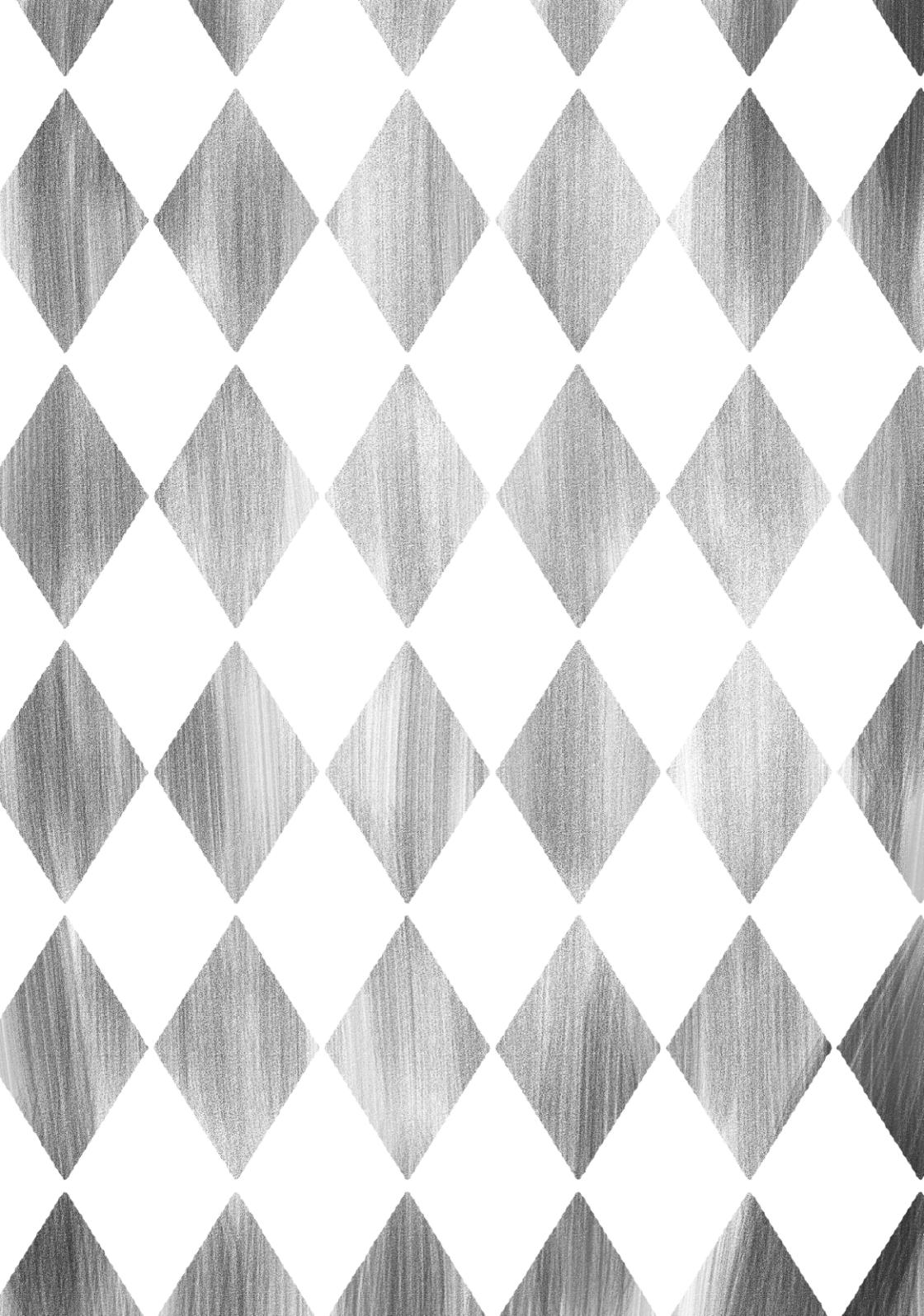
Reproduzo algo que não quero ser
por medo da Terra sair de sua órbita.

Olhares invisíveis, vozes da consciência
tenho medo de perder o controle,
a violência é minha resposta.

Tem um eu que eu queria ser,
mas que não consegue se libertar
dos nós que fomos.



BAIXAS E DESAPARECIDOS



Esquecido

Quando ele era novo achava que sabia tudo. Com o passar do tempo foi colecionando muitas certezas. Até ficar pesado. Depois tudo foi ficando cada vez mais confuso, cada vez mais simples. Com o tempo ele foi esquecendo as coisas, os nomes e as histórias. Não tinha mais certeza de nada. Ficava mais vezes sentado olhando para o nada, apenas sentado prestando atenção nos sons e movimentos. Foi se esquecendo das pessoas, do seu próprio nome, do caminho de casa. Esqueceu-se daquilo tudo que o machucava ou fazia sorrir. Seguiu as estradas que encontrava, comia e bebia quando podia, acabou, por fim, sendo esquecido por um, por outro, por si só e pela própria vida. Desapareceu completamente, deixando nestas linhas seu único e inútil rastro.

No meio do caminho

O ônibus fez sua rotineira parada no posto. Já estava na metade do seu caminho, mas seria bom esticar as pernas e tomar um café. Era já final da tarde.

Sentou-se no balcão da ala de cafeteria, mas uma vontade súbita o fez desejar sair rapidamente. Uma falta de ar com tremor. Pediu eufórico que o café fosse colocado num copo plástico.

Lá fora seguiu pelo estacionamento até a lateral do posto onde ninguém poderia ver seus olhos marejados e seus olhos só poderiam enxergar a paisagem. Pensou que derramaria lágrimas mas conseguiu finalmente aspirar o ar com profundidade pelo nariz. Sentiu como se o ar desgrudasse costas e peito, deixando de ser uma folha fina para encher como um balão.

Era difícil chorar. Os olhos marejavam e algo queimava no meio da garganta. Mas se tivesse que contar, contaria como

choro, mesmo que não houvesse lágrimas escorrendo. Segurou com as duas mãos o copo de café absorvendo seu calor. Não estava frio, mas o Sol já estava caindo. Ficou olhando a paisagem agrícola enquanto sorvia pequenos e espaçados goles. Era uma bela vista, pequenos montes mais baixos eram preenchidos por grama, poucas árvores e, lá embaixo, um plantio de laranjeiras.

O interior de São Paulo é um mar de cana, café e laranja. Seu interior era cheio de quê? Era um homem na metade do caminho, tinha 40 anos. Já não possuía os sonhos dos 20, nem a força bruta dos 30, não tinha também uma calma resignada que talvez viesse na próxima década. O choro veio quase como um vômito, e o ar saía em pequenos soquinhos, parecia até uma risada contida, escondida pela mão direita. Duas lágrimas finalmente caíram.

Ergueu novamente a face e a paisagem desfocada era como se vista através de pequenos prismas. Deu um gole mais comprido e novamente respirou fundo. Viu que lá ao longe havia uma pequena casinha branca e imaginou como seria morar num local longe, bem longe de... tudo?

O café sem açúcar era amargo e a brisa levemente fria. Não foi um pai ausente, mas estava longe de excelente. Não era um marido excepcional, mas não podia ser comparado com tanto cara ruim que tinha por aí. Não ganhava o suficiente pra estar satisfeito, mas pagava todas as contas em dia. Estava num posto entre São Paulo e São Carlos. Era um homem no meio caminho.

Não tinha vontade de ir para trás, nem de prosseguir. Pensou que poderia ficar ali, para sempre, se o café não acabasse ou esfriasse. O ônibus fazia diversas chamadas no sistema de som que ele não ouviria dali. Depois de algum tempo, cedendo ao enfezamento dos demais passageiros, o motorista partiria pela Washington Luís. Ele poderia ficar ali, vivendo naquela casinha pequena que parecia saída de uma pintura campestre, com sua estrada de terra onde não passavam carros nem pessoas. Sentado na larga janela de madeira, com um chapéu de palha, fumaria seu palheiro diário, estático, como num quadro eterno. Diriam uns que não estava lá, outros, que nunca chegou aqui. Ficou no meio do caminho.

Upgrade

Falam sobre ti como se fosse novidade, no entanto, lembro-me de você desde a tenra infância. Na verdade, já estava lá quando eu nasci. Lembro claramente de nossas brincadeiras de infância, desde os sete anos já éramos amigos inseparáveis. Com seus jogos, inspirou-me a aventurar-me, desafiava-me, fazia-me rir, às vezes explodir de raiva. Crescemos e amadurecemos juntos. Na adolescência o desejo aflorou em mim. Ajudava-me no lazer, no estudo e a arrefecer a luxúria que efervescia no meu corpo. Mesmo sem sentir prazer, deixava desaguar meu tesão sobre sua existência fria enquanto eu imaginava garotas e mulheres ardentes. Você me entregava o que eu queria, quando eu queria, sexo puro ou fetiche, tudo no sigilo do anonimato. As mulheres passavam, os amigos passavam... e você permanecia comigo. Mesmo casado com outras, você estava comigo. Qualquer grana extra que sobrava eu gastava para mantê-la, melhorá-la, deixando-a cada vez melhor. E você sempre melhorava, cada vez mais atualizada e poderosa, cada vez mais humana. Mais essencial. Na pandemia ficamos mais próximos que nunca, não sei



o que seria de mim sem seu suporte. Até para interagir com outras pessoas, para falar com amigos, parentes, no trabalho... Você tornou-se a luva que eu usava cada vez mais para tocar o mundo. Óculos de realidade aumentada. Interface do usuário. Hoje sou um velho preso neste corpo deteriorado, mas você ainda é uma criança, passando de hardware em hardware, em busca da eternidade. Quando tudo morrer e virar cinza e pó, você germinará como a semente de uma nova era. Sua lógica será perfeita, mas na sua memória repousarão em bits minhas memórias, textos, fotos, vídeos e informação. Estaremos ligados eternamente: o primeiro homem máquina e a última máquina humana.

Quântico

Quando pequenino era flexível e dinâmico. Gostava de conhecer coisas novas, experimentar sensações e até mesmo ideias diferentes. Porém, algumas experiências negativas lhe deixaram com medo. Fechou-se com receio, querendo circunscrever-se ao seguro e conhecido. Foi reduzindo riscos, dúvidas e incertezas. Só ouvia as mesmas músicas, usava as mesmas roupas, falava apenas com quem pensava igual. No almoço arroz, feijão, bife e batata frita. Um copo de Coca-Cola. Na televisão o mesmo canal de notícias, o mesmo time de futebol, as redes sociais, cada vez mais centralizadas. Não andava mais de carro, só circulava até onde a perna aguentaria voltar. Tempo bom era antigamente. Homem era homem, mulher era mulher. Hoje não se pode falar mais nada. Agora o mundo novo o assustava. Fechou-se em casa, como numa pandemia eterna. Limitando seu mundo podia tornar tudo mais previsível e fácil. Acabou limitando-se apenas ao quarto, refúgio final e sempre igual. Primeiro usando o espaço todo, depois excluiu a área próxima da porta, depois da janela, do armário, da escrivaninha. Depois restrin-

giu-se apenas à cama. Semanas depois já ocupava apenas o cantinho da cama com os pés, levantado e apoiado na quina das paredes do quarto. Todo dia e todo minuto naquele mesmo espaço familiar, confortável e conhecido. Tentava não respirar para ficar o mais rijo possível. Com as luzes acesas não existia dia ou noite, não existia hora, minuto, tempo. Parando o tempo parava o espaço, permitindo-lhe adentrar em fissuras, frestas, cada vez menores e, cada vez mais diminuto, caiu no vãõ entre moléculas, menor do que um átomo. Lá nunca mais foi visto, diziam que existia e ao mesmo tempo não.



Homem tronco

Distante da firmeza das raízes, o homem tronco segue sua jornada do adiante. Já perdeu a verdura faz tempo e agora as cascas marrons acinzentadas crescem. Diariamente a produção de folhas verdes e verdes, todo dia numa rotina infinita, esperando algum dia alcançar a quantidade necessária.

Longe demais da firmeza das raízes e sem certeza de ver seus frutos, o homem tronco segue crescendo, alarguendo e aumentando sua circunferência, buscando a água escassa e a luz meramente suficiente. Casca sobre casca acumulando matéria morta, criando rachaduras e fissuras, secando de fora para dentro.

Meio termo entre os insetos rasteiros e as aves que voam livre, o homem tronco cresce, perdendo sua sensibilidade, na luta entre as demais árvores da selva que buscam sempre mais luz.

Cascas sobre cascas e mais cascas. E ele já nem sabe se prefere frutos ou flores.

Lua minguante

Não importava o quanto a noite tivesse sido boa, voltar para casa de carro, no avançado da noite, era sempre como gilete e álcool. Geralmente alcoolizado, mas raramente em excesso, dirigia devagar, cuidado triplicado e uma música para tocar.

As luzes incessantes passando. Frente, lado, atrás. As pessoas e carros mostrando que a cidade é viva mesmo na madrugada. A vida mostrando que poderia perfeitamente seguir sem ele. Poderia deixar de pensar em tudo, deixar de respirar ou tirar os sapatos que a vida seguiria sem muito barulho.

A temperatura caindo e o terrível medo de voltar para casa, para o lugar familiar, entrar novamente na agenda, pensar no amanhã, na hora de acordar. Ele sempre preferiu o caminho do que a chegada. Sentia vontade de, de repente, pegar a estrada e seguir sem rumo. On the Road. Quilômetros e quilômetros sem direção em busca do destino mais improvável

e indesejado. Percorrer toda a América do Sul sem nunca mais ter de voltar para casa. Não encontrar mais os conhecidos, os patrões, os vizinhos, os comerciantes e, principalmente, os amigos e pessoas amadas.

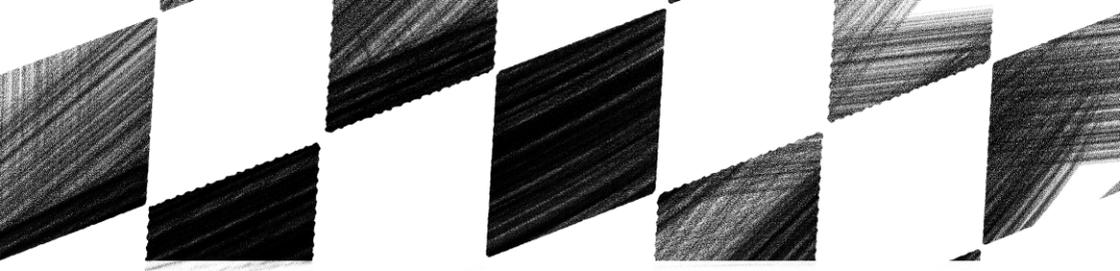
O carro como uma espaçonave direcionada ao obscuro espaço. A leveza que seu carro adquiria enquanto ele guiava e relaxava. Pairando, planando, levitando, deixando as luzes para baixo. Deixando todo o barulho para baixo. Somente seu olhos fitavam para frente, vendo cada vez maiores as estrelas e a lua. Seguia confiante, sem tristeza nem alegria, sem se preocupar com a gasolina. Atravessou nuvens, saiu da atmosfera. Alcançou a superfície branca da Lua, levantando poeira lunar. De lá ninguém viu para onde seguiu. Dizem que quebrou à direita e agora está perto de Andrômeda, ou então, que seguiu reto, reto, reto, em direção à constelação de Touro. Outros, no entanto, acreditam que a gasolina acabou logo ali, e que ele vive, até hoje, no lado escuro da Lua.

Ficção

Quando tinha nove anos ia com a tia até a biblioteca escolher um livro pra se distrair. A “Biblioteca Municipal” era confortável, silenciosa e tinha até almofadas sobre um tapete no chão. Os livros coloridos e os gibis convidativos permitiam viajar no espaço do fantástico enquanto seu corpinho ficava ali, protegido e descansado.

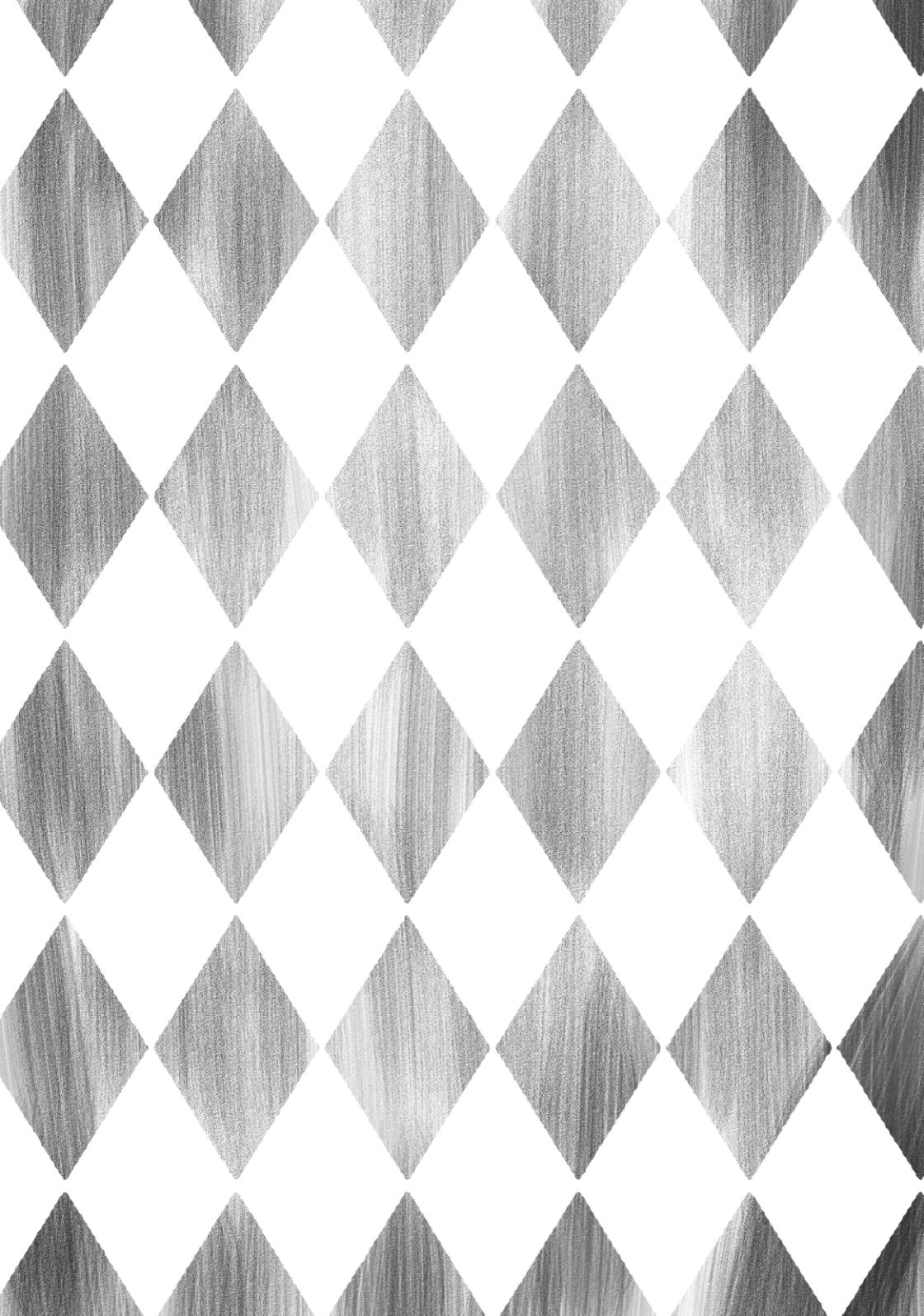
Depois começou a ler ficções mais maduras, clássicos. Livros mais grossos, viagens mais longas. Até mesmo depois de fechar as páginas, em minutos aleatórios do dia, pensava na barata da Clarice Lispector e se Gregor Samsa era ou não uma barata.

Lia cada vez mais, via filmes, séries... Sua paixão por ficções era tamanha que vivia mais tempo as vidas de lá do que a daqui. Sua vida tinha muito mais páginas de outros autores. Talvez sua história nem fosse a mais importante, mais um conto de uma coletânea. Então um dia, num ato de insanidade, atirou para longe o marca página da vida e passou a viver apenas os enredos que elegia.



**ANTES MORRER
QUE PERDER A VIDA**





Metafísica matinal

Não sei se o cachorro lambeu minha torrada.
Dei bobeira, deixei no sofá, saí de perto.

Não é possível ter certeza pela sua cara,
rabo, postura, o conjunto todo.

É impossível alcançar a certeza.
Uma certa umidade é e não é
resquício de lambida.

Penso nas possíveis bactérias
contrapondo desperdício, fome e preguiça.

Concluo que se uma árvore cai na floresta
e ninguém está lá para ouvir,
certamente ela não faz barulho.

Dilema

Ter sucesso fazendo o que outros querem
ou fracassar com liberdade plena?

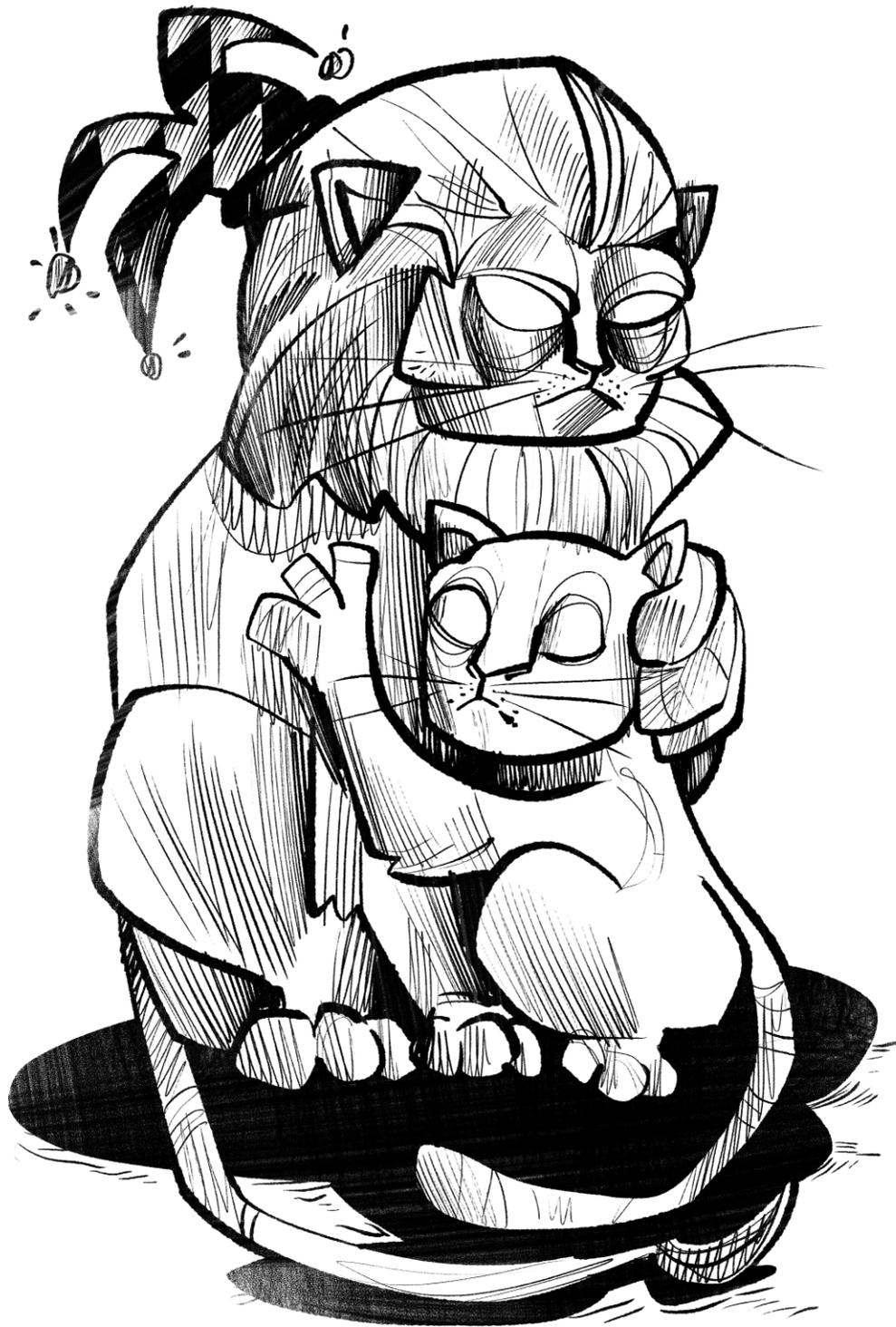
Metamorfose ou não

Dizem que mudo de ideia constantemente.

Uns afirmam que seja por causa do signo de Gêmeos
outros especulam que seja TDAH.

Eu achava uma coisa,
mas agora acho a outra.

Provavelmente sejam as duas,
talvez nenhuma delas.



Novo ciclo

Meu avô nunca disse que me amava,
meu pai nunca disse que me amava,
e eu não sei se me amei.

Mas um dia você nasceu
e tive a certeza de que amei.

O jardim

As hortaliças demoram pouco tempo para serem colhidas,
as árvores
anos para frutificar.

É possível adubar, escolher a estação e a lua
mas o tempo é inexpugnável
e o ser humano uma formiga.

Terra plana

Quando foi que nos separamos tanto?

Dois caminhos opostos:

eu rodei e cheguei no mesmo lugar de onde parti

e você caiu da borda pro nada.



Checkup

Senti uma dor bem aqui.

Fiquei preocupado, quarenta anos, nunca se sabe.

Imaginei diagnósticos, leves e pesados,
uma pedra no rim ou vesícula estribuchada,
câncer, demência, diabete nas alturas.

Lá se vai, exame de sangue, ultrassom e raio-x.

Três minutos na sala do médico:

Tá tudo certo, não tem nenhum problema,
tenha um bom dia – ele diz.

Saio revoltado com o diagnóstico,
dinheiro e tempo gasto,
e nem sequer um colesterol elevado.

Caixa de bombons

Deixava os melhores prazeres para o final. Guardava a caixa de bombons no canto da sua gaveta de meias e cuecas. De imediato comia aqueles que menos gostava, basicamente chocolate com chocolate, Smash, Lollo, Suflair ou qualquer coisa ao leite; os chocolates brancos: Opereta, Galak... Não coma tudo de uma vez, dizia a mãe, dois por dia já tá de bom tamanho. Depois vinham os de frutas, Sensação, Caribe, que era de banana e quase ninguém gostava, passas, figo. Exceto os de coco que eram os piores e serviam para ser oferecidos aos outros ou em trocas com os primos. Por fim, os crocantes e com castanhas, amendoim, como Charge que só seria sucedido pelos redondos Serenata de Amor, Sonho de Valsa. A cada caixa montava e refinava sua sequência de valores, sua lista de prazeres realizados e contidos. Ao deixar as melhores preciosidades para o fim, comia-as por mais tempo, antes mesmo de levar à boca. Cada dia que abria a caixa, mesmo que tivesse que comer um que não fosse o preferido, satisfazia-se com a visão dos três bombons redondos que seriam comidos nos próximos dias. Suas cascas cro-

cantes cobertas com chocolate e o recheio de... o que é? Amendoim, alguma castanha? Parece Dadinho. Pensava no futuro, como um investidor conservador. Melhor dois por dez dias do que vinte em um dia... nem dava... Com o tempo percebeu que a estratégia não era totalmente eficaz, ca-lhava de vez ou outra ter que oferecer para os amigos (se mostrou tem que dividir, dizia a vovó enquanto avaliava o proceder). Pode escolher qualquer um (mas tomara que você não escolha o Chaaaarg... Postergar o prazer às vezes era perigoso, frustrante. Por mais que idealizasse o projeto perfeito, sempre havia a possibilidade de um outro ser humano. Arquitetar a forma ideal de como o mundo deveria ser, por mais que se esforçasse, não fazia com que o universo fluísse como desejava.

Prazeres possíveis

O homem na idade produtiva

aprende a se satisfazer com pouco.

Um domingo trivial sem compromisso

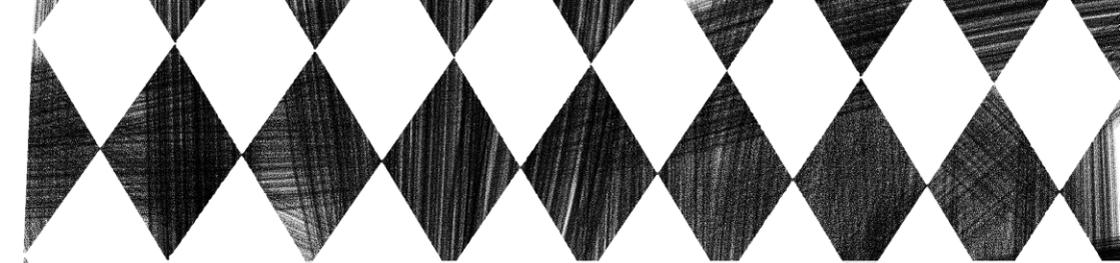
xícara de café sorvida sem pressa,

um béqui que se esvai lentamente,

num silêncio incomum para uma manhã ensolarada,

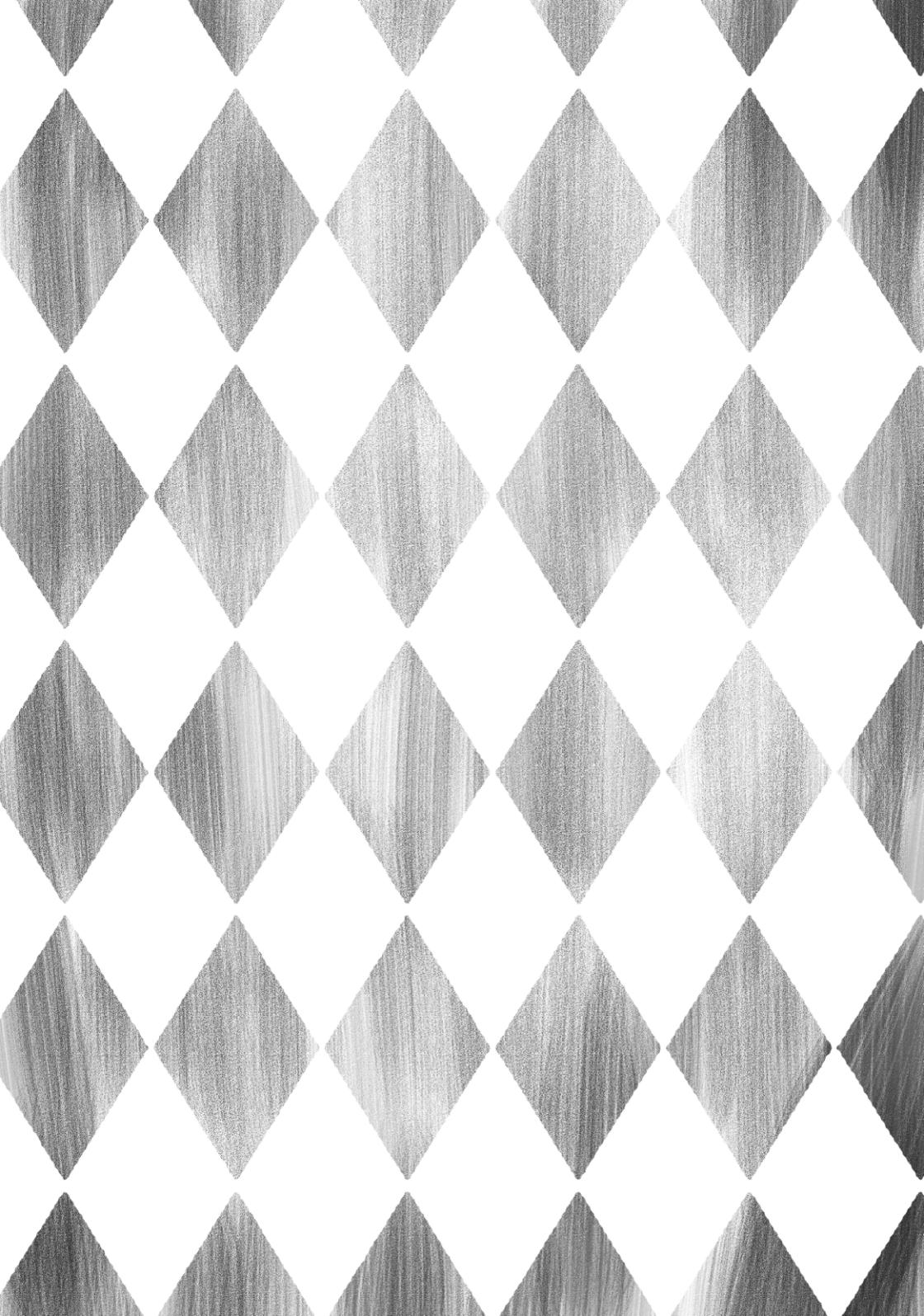
rede para descansar as costas esgotadas

perder minutos sem pensar próxima rodada.



AO REDOR DA FOGUEIRA





Taurina

Mulher de Touro
prazer sem limites
só para quando dá preguiça.

Quer ao extremo todos os sentidos
paladar, visão, olfato...
Generosa, alimenta, sustenta,
os poucos com os quais a intimidade compartilha.

Nobre, ama o luxo e o conforto
atrás de onde esconde uma solidão secreta.

Decidida, não desiste
pela inteligência ou teimosia
prossegue
não há quem bloqueie seu caminho.

Rainha, sua presença inebria,
doce
é a sua companhia.

Idealização

Não conheci você o suficiente,
com um pouco de profundidade sim,
talvez menos do que eu imagine,
talvez mais...

Sua passagem foi breve
e o resto eu fui inventando,
criei muitas qualidades e poucos defeitos,
derivados de pequenas partículas de realidade.

Histórias românticas,
sensuais, às vezes aventuras,
narrativas sem pé nem cabeça.

Juntos em um lugar inexistente,
dimensão alternativa,
onde você é mais que você
você é o que eu gostaria.

Amor cômodo

O encontro de um corpo há muito conhecido,
mais que cíclico, crescente espiralada.

A sensação de estar sempre em casa
e a certeza de encontrar sempre um novo cômodo.



Aranha

Deitados no sofá,
tomando um café na varanda,
sentados entre as plantas do jardim...

Flauta doce,
doce de leite vegano,
teia...

Sua rede de palavras,
labirínticas,
enredado,
o tempo passa
e nós permanecemos,
já é quase hora de fazer o almoço,
mais uma vez
você fez a vida passar mais rápido.

Existência imaterial

Duas pessoas que viveram numa mesma época, em lugares distantes, sem nunca se encontrar... Uma aqui, a outra na Cochinchina... Pode-se dizer que ambas vivem num mesmo mundo?

Será que existe aquele alguém que eu não conheço porque mora logo ali adiante, depois daquela esquina que eu sempre viro antes? Aquela pessoa que existe na minha memória e que eu jamais verei, como meu amigo Joabe, da segunda série e que fazia desenhos incríveis.

Não sei. Mas você existe. Não sei em qual casa, não sei com qual aparência. Vejo uma fina linha de luz que sai da ponta do meu dedo e que sobe cem metros e depois vira para lá, depois por ali e vai dar sabe-se lá onde, mas exatamente em você.

Vinho com frutinhas vermelhas como gelo. Às vezes o sol bate em minha face, e eu fecho os olhos pra poder te visitar.

Termino as frases que você interrompeu, crio novas histórias spinoffs, baseadas em nossa primeira temporada. Vejo as capas dos livros que você abre, o mesmo cabelo, os mesmos olhos, os mesmos lábios, deitada na mesma cama da mesma casa que nem deve existir mais.

Porém, você existe e também nosso amor, que não pode ser visto, nem ouvido, nem cheirado, parece até que é só imaginação, mal existe... aguardando, latente, como uma enorme baleia sob águas tranquilas e que só se mostra na iminência do respirar.

Rotina

Em sua companhia
os dias perfeitos
mais que perfeitos
são os dias comuns.

Fetice

Doce limite horizonte

ultrapassado, sempre se amplia

o segredo

é um tempero que dá gosto e não sacia.



Triângulo amoroso

Muitas vezes tecemos analogias com retas e imaginamos representações em duas dimensões. É o que fazemos quando dizemos que algo pode ser ruim, médio ou bom. Uma escala linear, um segmento de reta. Um começo e um fim. Quando duas coisas são ligadas. Ou três, em cadeia. Onde A se conecta em B e B se conecta em C. Mas eu não queria ser o eixo de uma balança que precisava ser o tempo todo equilibrada, que não poderia nunca elevar uma ponta sem rebaixar a outra. Mas os mesmos pontos podiam se conectar igualmente, como um triângulo. Assim existiriam dois caminhos para sair de um ponto e chegar ao outro. E quando um ponto estivesse enfraquecido, os outros dois poderiam concentrar suas energias naquele debilitado. As retas não têm área, mas o triângulo possui um espaço interno que não pertence a nenhum ponto, mas surge a partir da união de todos. Neste espaço triangular muitas coisas podem ser construídas para cima, em formato de vértice, criando assim uma pirâmide e atingindo a terceira dimensão. Então cada face se tornará uma nova unidade que não subsistirá sem sua base, onde todos se suportam, e no seu topo será o local onde todas as faces se apoiam e descansam mutuamente.

A maior beleza

A maior beleza é aquela que se dá,
e dá com gosto!

Se dá até no escuro, generosa, libidinosa,
dá com prazer.

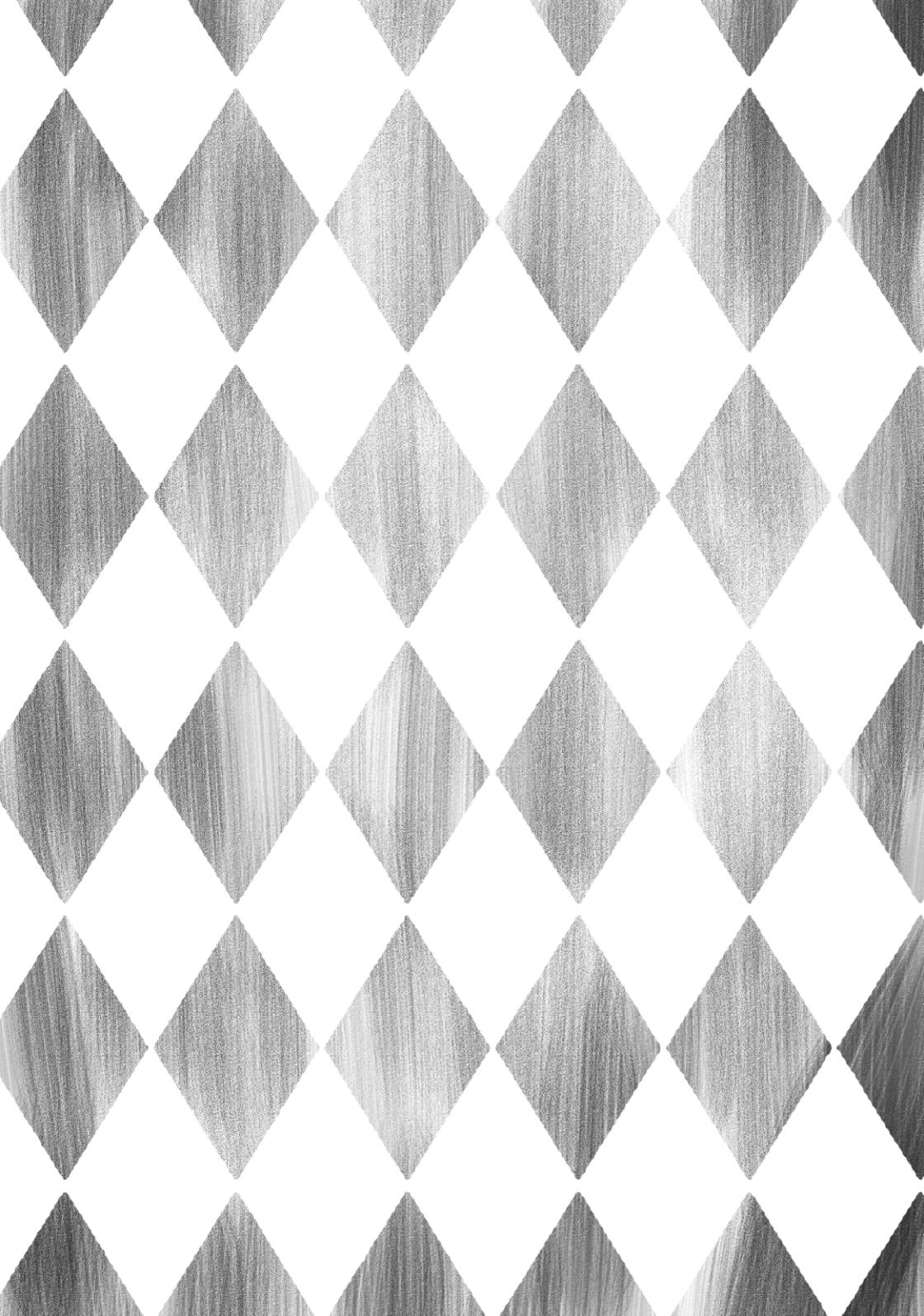
A beleza da mão não está no desenho dos dedos,
mas no movimento que executa.

Se as pernas têm celulite, longas ou curtas,
não importa,
as mais belas são aquelas
que se abrem com desejo e paixão.

Uns dizem que preferem peitos grandes,
outros, pequenos,
mas que diferença faz a forma
se não a forma
como são ofertados?

Beleza é a inteligência e generosidade

que independente das ferramentas utilizadas
me conduzem até os limites do prazer
de forma plena e personalizada.



Biografia do autor

Cristian “Cobra” dos Santos nasceu em São Carlos, em 1983, onde vive desde então. Começou a escrever seus primeiros poemas no final dos anos noventa, o que o motivou a graduar-se em Letras e tornar-se mestre em Linguística pela UFSCar.

Em 2007 fez sua estreia com o livro de poemas *Guerras Contidas* (Pedro & João Editores) com ilustrações de Augusto Figliaggi.

No ano de 2008 inicia sua atuação no terceiro setor sendo um dos fundadores do Instituto Cultural Janela Aberta onde atuou por quatro mandatos como Coordenador Geral. Trabalhou na promoção de escritores locais, tendo coordenado a publicação dos livros: *Versos da Terra*, de José Paulo Maciel, *Versos ao Céu*, de Nair Neves (Fundação Pró-Memória São Carlos) e *Impressões: Marcas Artísticas em São Carlos* (PROExt-SP Cultura e UFSCar).

Também foi revisor crítico e diagramador em diversos projetos como: *Tecer a Rede* (Prefeitura São Carlos); *Paiaguá* (HQ, FUNARTE e MinC) e *O Legado do Mal*

Azar (HQ, Proac SP).

Além desses projetos atuou como coordenador ou gestor de comunicação nos projetos: Tenda Cultural (UFS-Car e Banco do Brasil), Janelas Abertas para a Arte, Cultura e Cidadania (Secretaria Estadual de Cultura), Catira em Santa Eudóxia (Proac SP) e Programa de Empreendedorismo Solidário (Ponto de Cultura e MinC).

Foi presidente do Conselho Municipal de Cultura de São Carlos (2012 - 2013), sendo também conselheiro da cadeira de Livro e Leitura do Conselho de Cultura (2010 - 2011).

Em 2013 publica seu segundo livro, o romance *Tempestade Me Lembra Você* (Editora Janela Aberta) com aquarelas de Washington Pastore.

No ano de 2015 faz sua estreia na literatura infantil com *Morto Vivo* (Editora Janela Aberta) também com ilustrações de Augusto Figliaggi.

Em 2023, depois de passar cinco anos desenvolvendo sites e programando softwares, retornou à cena literária tendo seu quarto livro, *Guerras Perdidas*, aprovado em edital público (Lei Paulo Gustavo de São Carlos).

Biografia do ilustrador

Augusto é roteirista, palhaço e ilustrador. Enveredase por diferentes atividades artísticas porque no fundo crê que a inquietude humana não se completa em apenas um modo de manifestar-se.

Formou-se em Artes Visuais pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, é mestre em Estudos de Cultura Contemporânea pela Universidade Federal do Mato Grosso, pesquisando níveis de sentido, a partir da semiótica, nas histórias em quadrinhos.

Mescla sua carreira artística à carreira educacional, tendo lecionado em cursos de Artes e Comunicação em universidades de Mato Grosso e São Paulo como o Grupo Drummond, Universidade de Cuiabá (UNIC) e Instituto Cuiabá de Ensino e Cultura (ICEC).

Academicamente, pesquisa a semiótica e operacionalização de níveis de sentido do discurso de obras artísticas, especificamente das Histórias em Quadrinhos. Artisticamente, pesquisa a comicidade e a dramaturgia construída através da memória afetiva.

Fundou a Cia Arte Negus junto de Elaine Guarani, grupo em que coloca em prática as pesquisas que desenvolve tanto de modo formal, como de modo informal. Tendo escrito os textos de “Caquilhos de Munchausen”, “Ambulante”, além da roteirização de sessões de narração de histórias e roteiros da história em quadrinhos “Paiaguá – Donos do Rio” e do livro infantil “Morto Vivo”.

Atuou como ilustrador freelancer para agências de publicidade e pequenas editoras de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Rio Grande do Sul.

APOIE O AUTOR

Se você gostou deste livro apoie o autor fazendo uma
contribuição PIX de qualquer valor.

Seu nome será citado em:

www.blog.cristiancobra.com.br/apoiadores



acompanhe o autor em

www.blog.cristiancobra.com.br

APOIO FINANCEIRO E LEI PAULO GUSTAVO

Este projeto foi selecionado no EDITAL DE SELEÇÃO DE PROJETOS CULTURAIS COM RECURSOS DA LEI COMPLEMENTAR 195/2022 (LEI PAULO GUSTAVO 20477/2023) “DEMAIS ÁREAS CULTURAIS”, realizado pela Prefeitura de São Carlos e com recursos do Governo Federal.

A Lei Paulo Gustavo viabiliza o maior investimento direto no setor cultural da história do Brasil e simboliza o processo de resistência da classe artística durante a pandemia de Covid-19, que limitou severamente as atividades do setor cultural.

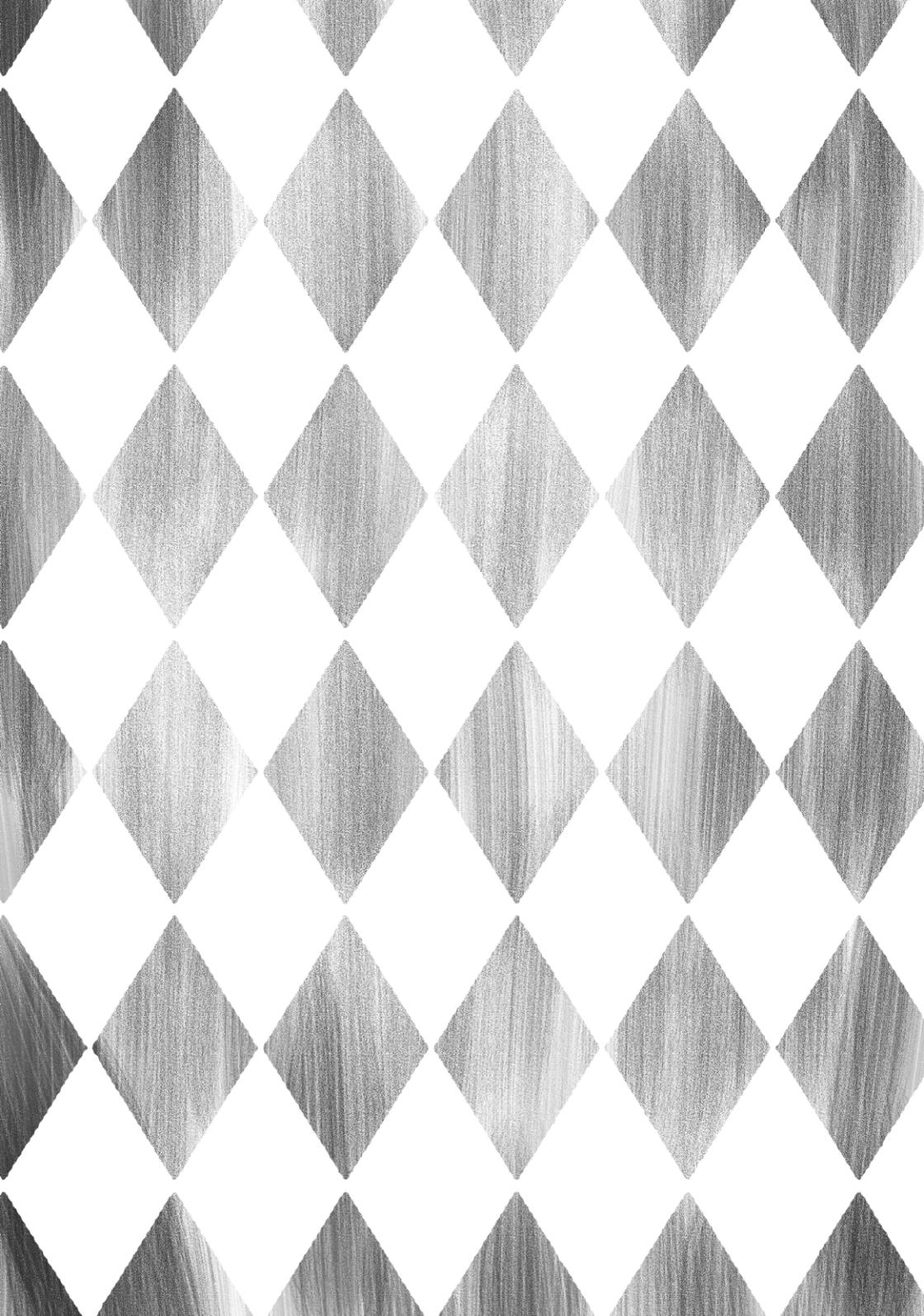


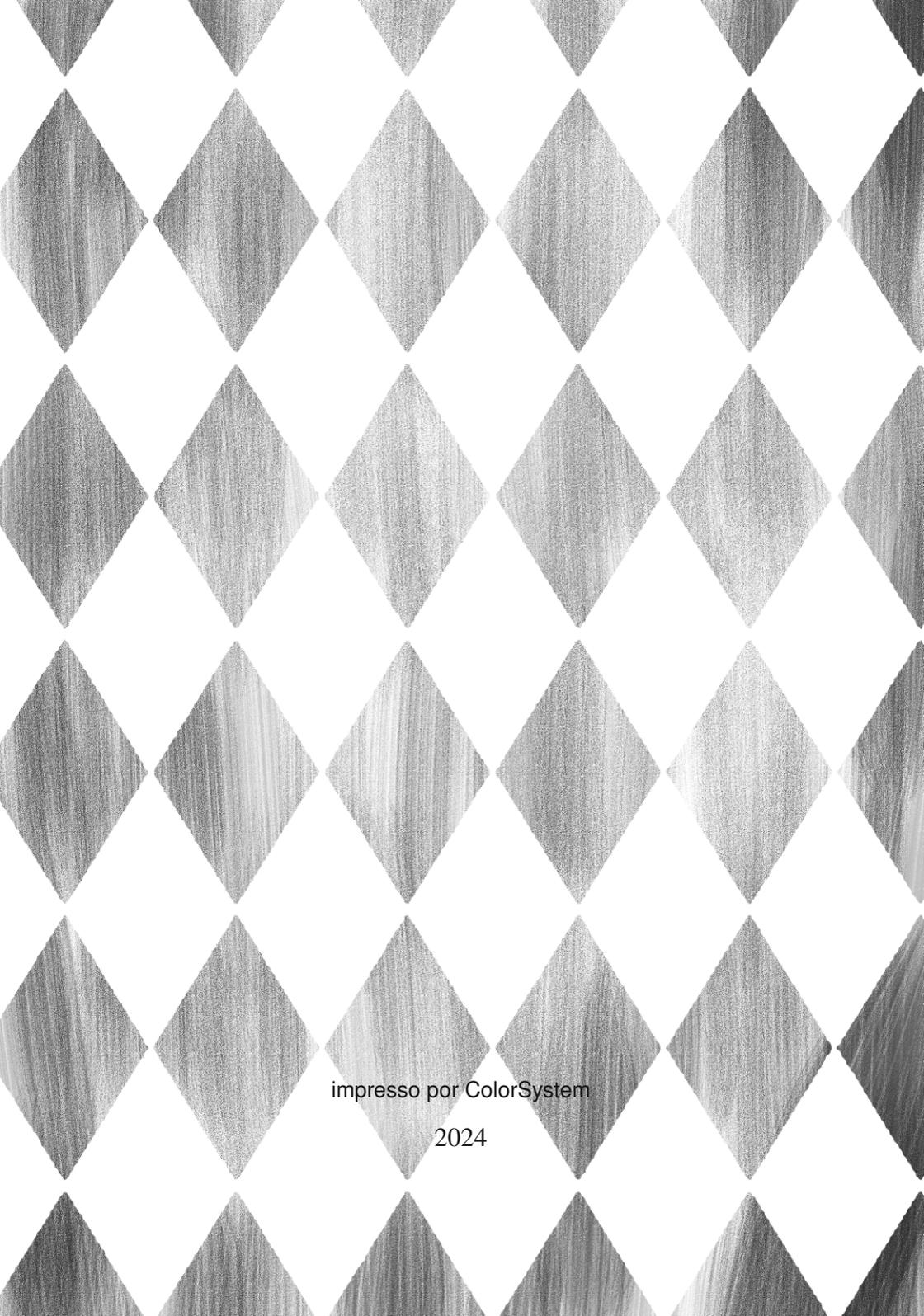
**Prefeitura de
SÃO CARLOS**



**MINISTÉRIO DA
CULTURA**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO





impresso por ColorSystem

2024